

ENTRE A FANTASIA E A REALIDADE: “A MOÇA TECELÃ” DE MARINA COLASANTI¹

Márcia Cristina Almeida Van Samson²
Priscila Ferreira Bentes³

RESUMO

A realidade dá lugar ao mágico, ao fantástico nos quais são produzidas narrativas alegóricas que utilizam a linguagem abstrata para exprimir alguma mensagem. Narrativas compostas de metáforas que revelam o resultado de quem compõem um quadro da realidade com uma aquarela de magia. Marina Colasanti o faz ao posicionar a caneta rente ao papel: a fórmula está pronta como num piscar de olhos cria-se um mundo mágico habitado por reis e rainhas, nobres e plebeus descendentes dos contos de fadas. Mas, o caminho para o reino do encantamento é tortuoso, pois foi construído a partir de experiências e reflexões acerca da essência e dos dramas humanos. Os temas corriqueiros do homem contemporâneo ganham um ar de graça nos contos de Colasanti, não para construir histórias bobas, mas para questionar o valor e o papel dos atores sociais principalmente da mulher. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise literária do conto “A moça tecelã” sob a ótica da estrutura da narrativa, do conto na perspectiva de fadas e um estudo acerca da personagem (representação da mulher contemporânea) que se manifesta entre a fantasia e a realidade. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica pautada nas discussões teóricas de Massaud Moisés, Tzvetan Todorov, Nádia Battella Gotlib e Nelly Novaes Coelho. PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto-juvenil. Contos de fadas. Marina Colasanti.

Um índice seguro da qualidade estética dos textos literários é constatar se eles permitem leituras críticas. Nas universidades, cada vez mais, sua obra vem sendo objeto de dissertações e teses. Isso revela que se trata de uma produção que ultrapassa as fronteiras restritivas do “infantil” e do “juvenil”, trazendo em si o germe da perenidade. Feitas as apresentações, ouçamos o que Marina tem a nos falar... (SILVA, 2015).

1. Introdução

A literatura moderna nasceu louvando uma nova forma de produção literária, rompendo com os padrões estéticos parnasianos e abrindo portas para uma literatura revolucionária e antropofágica com Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Em sua maturidade, o modernismo rende-se ao lirismo em Vinícius de Moraes e Carlos Drummond Andrade e ao interior do homem em Cecília Meireles. Já na fase adulta, o modernismo mergulha mais ainda na alma do ser humano com Clarice Lispector, regionalismo de caráter universal de Guimarães Rosa e dá espaço para o fantástico que irá se fortalecer já na década de 1960 e 1970. Alguns destes autores de caráter “fantástico” irão consolidar a literatura infanto-juvenil brasileira, dentre eles, a escritora Marina Colasanti (CÂNDIDO, 2009).

A realidade dá lugar ao mágico, ao fantástico, no qual são produzidas narrativas alegóricas, narrativas que utilizam a linguagem abstrata para exprimir alguma mensagem, compostas de metáforas que revelam o resultado de quem compõem um quadro da realidade com uma aquarela de magia (CÂNDIDO, 2009), e Marina Colasanti o faz ao posicionar a caneta rente ao papel, a fórmula está pronta, como em um piscar de olhos cria-se um mundo mágico, habitado por reis e rainhas, nobres descendentes dos contos de fadas (COLASANTI, 2006).

Mas o caminho para o reino do encantamento é tortuoso, pois foi construído a partir de experiências e reflexões acerca da essência e dos dramas humanos, os temas corriqueiros do homem contemporâneo ganham um ar de graça nos contos de Colasanti, não para construir histórias bobas, mas sim questionar o valor e o papel social, principalmente da mulher (RICHE, 1999). Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise literária do conto “A moça tecelã” sob a ótica da estrutura da narrativa, do conto como um conto de fadas, e um estudo acerca desta mulher que se manifesta entre a fantasia e a realidade.

¹ Este trabalho é resultado de estudo e pesquisa propostos na disciplina “Literatura Brasileira II”, em 2015.

² Estudante do 3º ano do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Email: marcinha16vs@gmail.com.

³ Estudante do 3º ano do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Email: priscilafbentes@gmail.com.

2. Um pouco sobre marina

Marina Colasanti nasceu na cidade de Asmara localizada na Etiópia em 26 de setembro de 1937. No período em que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, Marina tinha 11 anos e sua família migrou para o Brasil, mais precisamente para a cidade do Rio de Janeiro, onde se radicou. Uma característica marcante desde a infância é o gosto pela leitura, tinha um carinho por livros clássicos e fábulas, já na adolescência, mergulhou na literatura russa e norte-americana. Marina é formada pela Escola Nacional de Belas Artes da capital carioca, trabalhou com gravuras e passou um longo período de sua vida dedicando-se à profissão de jornalista, ofício no qual transitou em diversos meios como televisão, impresso e agências de comunicação, além disso, também traduziu livros advindos de línguas como espanhol, francês e inglês (COLASANTI, 2006).

3. Obra(S)

Quando se tem o termo “obra” tratando-se de Marina Colasanti entende-se “obras” com ênfase na marcação do plural, pois ela é uma artista por completo. Seu acervo é contemplado pela prosa, poesia – sem contar as artes plásticas – que tratam da literatura infantil, juvenil e adulta trabalhando temáticas recorrentes como a condição da mulher e os problemas sociais do Brasil. Desde a sua estreia como escritora com “Eu sozinha” - livro de crônicas - lançado em 1968 até o ano de 2005, são mais de trinta livros publicados. Interessante ressaltar que o traço delicado e sutil que se expressa nas palavras de seus poemas, contos, contos de fadas, artigos, crônicas e ensaios é o mesmo traço que se apresenta na fina e firme linha das ilustrações que a autora faz para os seus livros, de uma estética que expressa com gravuras aquilo que está grafado no interior das páginas (COLASANTI, 2006).

Dentre suas obras, destacam-se “Eu sozinha” (1968), “Uma Ideia toda Azul” (1979), “A menina arco-íris” (1984), “O lobo e o carneiro no sonho da menina” (1985), “O verde

brilha no poço” (1986), “Contos de amor rasgado” (1986), “O menino que achou uma estrela” (1988), “Ofélia, a ovelha” (1989), “A mão na massa” (1990), “Cada bicho seu capricho” (1992), “Eu sei mas não devia” (1996), “O leopardo é um animal delicado” (1998), “Doze reis e a moça no labirinto do vento” (1999), “De mulheres, sobre tudo” (1995), “Rota de colisão” (1993), “Um amor sem palavras” (1995), “O homem que não parava de crescer” (1995), “Eu sei mas não devia” (1996), “Longe como o meu querer” (1997), “Ana Z., aonde vai você?” (1993), “Penélope manda lembranças” (2001) “A moça tecelã” (2004), “Fragatas para terras distantes” (2004), “23 histórias de um viajante” (2005) (COLASANTI, 2006).

4. A MOÇA TECELÃ

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear (COLASANTI, 2015, p. 1).

4.1. Estrutura da narrativa

4.1.1 Narrador

O narrador é onisciente, é aquele que conta a história e seu foco narrativo se apresenta na terceira pessoa (MOISÉS, 2006), “Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear” (COLASANTI, 2015, p. 1), “Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila” (COLASANTI, 2015, p. 1).

4.1.2 Ação

A ação se configura na “soma de gestos e atos que compõem o enredo, o entrecho ou a história (MOISÉS, 2006, p. 89). A ação se concentra na moça que tece o tapete, mas este tear é a representação do tear o

seu destino de acordo com o seu desejo, este enredo possibilita a compreensão do conto em três atos, o primeiro ato representa a sua rotina simples de tecelã que conduz o seu destino,

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor de luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava (COLASANTI, 2015, p. 1).

O segundo ato consiste na solidão que toma conta da moça e ela decide “tecer” um companheiro,

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao seu lado. Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta. (COLASANTI, 2015, p. 1).

O terceiro ato revela o desfecho do enredo – surpreendente,

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e, jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer o seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela (COLASANTI, 2015, p. 2).

A trama se desfeca quando a moça, envolta de tristeza em relação ao seu marido, desencantada de sua figura e desejosa de retomar a própria liberdade se volta ao tear e desfaz o tecido que deu vida ao seu homem, escolhendo a vida tranquila e feliz que sempre teve.

4.1.3 Tempo

O tempo é um dos elementos de maior relevância na narrativa como elemento de análise literária, pois é nele e por ele que a trama se desdobra (MOISÉS, 2000). O conto apresenta um tempo cronológico, “Mas se durante **muitos dias** o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza” (COLASANTI, 2015, p. 1),

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira (COLASANTI, 2015, p. 1).

É possível perceber que é duradouro perceptível pela demarcação do narrador.

4.1.4 Espaço

É no espaço que o conto se desenvolve, é o elemento que institui a parte física na qual os personagens estão situados (JUNIOR, 1995), no caso do conto, o espaço consiste em três espaços, a casa pequena, “E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela” (COLASANTI, 2015, p. 2), a casa melhor (maior e confortável), “- Uma casa melhor é necessária, - disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer” (COLASANTI, 2015, p. 2), e o palácio, “E tecendo, ela

própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros” (COLASANTI, 2015, p. 2). O espaço físico alterna-se entre a casa pequena e cômoda, a casa melhor, o palácio e, ao final da narrativa, volta a ser a casa pequena.

4.1.5 Personagens

No conto “A moça tecelã”, é possível dar destaque a dois personagens: a moça tecelã e o seu marido. O narrador caracteriza-os com adjetivos e com a descrição de suas ações. A moça, a partir do aspecto físico, é uma “moça”, uma jovem, solteira, já, por meio das suas ações, pode-se conceber que é uma mulher simples, “Assim, jogando a lançadeira de um lado para o outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias”, e na sua simplicidade, desejava felicitar o marido com filhos. Tinha sua “casa pequena” e se alegrava ao contemplar o jardim, e mesmo com um tear mágico em suas mãos, sonhava com uma vida modesta, com coisas pequenas, mas, mostra-se firme nas atitudes, tanto que não abriu mão de sua liberdade ao final do conto.

O marido é descrito fisicamente com “chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado e sapato engraxado”, um homem bonito que parecia atender às necessidades da mulher, mas, ao longo da trama, o homem que “tinha pensado em ter filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar”, não queria dar a mulher o carinho que ela precisava, fez da moça uma empregada, “exigiu”, “ordenou” regalias, o homem apumado já não era mais o mesmo, tornou-se ganancioso e frio e sua atitude provocou o seu destino.

4.2 O conto fantástico/ maravilhoso

À janela, está a moça ao tear, envolvida em linhas de cores diferentes, linhas que compõem o tecido na lançadeira. No tecido, tem-se o desenho de um dia ensolarado, uma casa simples com um jardim que parecem abraçados pela

claridade do sol, logo, a paisagem molda-se pelos fios e pelo desejo d’“A moça tecelã”. Este conto é classificado como conto maravilhoso, fantástico, pois a “moça” – protagonista – possui um tear mágico que realiza seus desejos e tudo que gira ao seu entorno é conduzido por este (COELHO, 1997),

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos de algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela (COLASANTI, 2015, p. 1).

O conto maravilhoso constrói o enredo pautado na curiosidade e na expectativa do leitor, opondo-se ao real, em que nem sempre as coisas acontecem conforme se deseja, é um gênero voltado ao fantasioso, ao irreal, à magia para retratar realidades abstratas. Então o conto mescla elementos do mundo real com o imaginário (COELHO, 1997). O conto maravilhoso (PROPP, 1997 apud ARAÚJO, 2013) apresenta elementos que não fazem parte do contexto real, porém, são revestidos de uma naturalidade que entrelaçadas às linhas do conto não se tornam estranhos ao leitor, a exemplo do tear da moça tecelã de Colasanti,

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranqüila (sic) (COLASANTI, 2015, p. 1).

Concebe-se o fantástico e o maravilhoso em duas linhas distintas, mas que se fundem e constituem o conto de encantamento (COELHO, 1997) sob a perspectiva de que estes baseiam-se na diferença entre o natural e o sobrenatural, o fantástico provoca

hesitação, uma experiência profunda com o enredo e o maravilhoso promove uma aceitação dos elementos sobrenaturais do enredo (TODOROV, 1992), então o acontecimento sobrenatural “ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos” (TODOROV, 1992, p. 15).

O fantástico firma-se no contraste da realidade e do sonho, da verdade e da ilusão, do real e do virtual como a imagem que se encontra no espelho que possui caracteres do real, bebe na fonte da verdade, mas não o é. Na criação literária, o fantástico toma a barreira que separa termos antagônicos e a transforma em uma linha tênue que com o jogo de palavras do escritor envolvem-se de tal forma que produzem um novo mundo,

O fantástico implica pois uma integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados. Terá que advertir imediatamente que, com isso, temos presente não tal ou qual leitor particular, real, a não ser uma “função” de leitor, implícita ao texto (assim como também está implícita a função do narrador). A percepção desse leitor implícito se inscreve no texto com a mesma precisão com que o estão os movimentos dos personagens (TODOROV, 1992, p. 19).

O conceito de fantástico baseia-se em três ideias, a primeira refere-se a ideia de hesitação do receptor entre coerência que rege o mundo natural e a incoerência advinda do mundo sobrenatural, percebendo-se os dois termos como possibilidades factuais no contexto do enredo, ou seja, na realidade das personagens, a segunda diz respeito à hesitação provocada no leitor de uma hesitação primeira que tenha acontecido com a personagem, e a terceira é que o

receptor terá uma postura que não será nem a poética nem mesmo a alegórica (TODOROV, 1992).

Para haver uma fruição do fantástico do conto com o leitor, é preciso que este mergulhe nas linhas que levam ao universo da magia, o coração do conto fantástico, deixando de lado a incredulidade, é preciso abrir-se à magia do tear, à moça que tece e que tecendo cria seu mundo e suas realidades (ARAÚJO, 2013). Quando a hesitação não acontece ou é quebrada por questionamentos e/ ou descrença, perde-se o elo com o fantástico e então surge o estranho que não experimenta a magia, apenas confronta-a com questionamentos racionais da realidade (TODOROV, 1992).

Refletindo acerca do fazer artístico e literário de Marina Colasanti e de maneira especial “A moça tecelã”, percebe-se que o conto, apesar dos traços do contemporâneo, traz figuras dos contos fantásticos e maravilhosos do passado como a figura da tecelã, no entanto, o enredo distancia-se da oralidade e da tradição popular e dá espaço à criatividade e ao estilo de Marina (ARAÚJO, 2013) “O conto ‘A moça tecelã’, de Marina Colasanti, utiliza recursos do maravilhoso de maneira singular, por mais que dialogue com toda essa tradição” (ARAÚJO, 2013, p. 7). O tear mágico da moça lhe proporciona o que deseja, como o marido que gostaria de ter ao seu lado,

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao seu lado. Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta (COLASANTI, 2015, p. 1).

Outro aspecto interessante a ser destacado nos contos de Marina é a intertextualidade com contos da antiguidade clássica, característica peculiar dos contos fantásticos/maravilhosos, a sua “moça” é uma tecelã, “Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer” (COLASANTI, 2015, p. 1), a tecelã é personagem tipo de contos maravilhosos do século XVII e da antiguidade clássica, assemelhando-se à figura de Ariadne (ARAÚJO, 2013), até a sutileza e delicadeza do tear foram transportados no tempo e estão expressos na arte da tecelagem da protagonista.

O conto fantástico, maravilhoso fomenta a realização do desejo da protagonista fazendo uso de artifícios mágicos, como o tear que em poder da moça reflete não uma postura passiva diante dos acontecimentos, mas uma postura de atitude, de domínio da situação e do mundo em que vive, demonstrada claramente quando decide romper com a submissão ao marido (ARAÚJO, 2013),

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e, jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer o seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela. A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu. Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte (COLASANTI, 2015, p. 2 - 3).

Em “A moça tecelã”, Colasanti expressa com tons de fantasia e de realidade com essência de aspectos mágico e maravilhoso temas atuais e que compõem a cena atual da sociedade, produzindo reflexões e críticas a partir de uma literatura de teor fantástico e maravilhoso, o que permite dizer que sua essência para a construção da narrativa fantástica está embasada na vivência e na reflexão de mundo (CAVALCANTI, 2011).

4.3 A realidade e a mulher

E a moça está ao tear, agora mais segura de si, mais segura de sua companhia e da companhia do dia que ela mesma tece. Está mais feliz, pois desfez o tecido da submissão e homem que a deteve por algum tempo, e o tempo revela que esta moça tecelã possui traços da mulher do mundo contemporâneo, já que o conto retrata a sua emancipação, ela é provedora de si mesma e tece as coisas de que precisa sem depender de ninguém (GOTLIB, 1985),

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidados de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E a noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila (COLASANTI, 2015, p.1).

Do jogo de imagens fantástica e maravilhoso, forma-se o contexto da realidade, transparece na Marina escritora a Marina mulher expondo a figura feminina em traços de realidade, concebendo-se o que se conhece como verossimilhança, uma característica da narrativa que dá lógica - interna - ao texto. Por mais que a história seja inventada, ela passa para o leitor uma credibilidade, e assim, a história se desenvolve, o leitor se deixa convencer daquela e por aquela “verdade”, cria-se um elo íntimo, um pacto entre o escritor e o leitor, para que o mesmo seja conivente com a narrativa (GOTLIB, 1985), o leitor compreende a realidade da moça, a exemplo o momento em que ela mesma tece o seu marido,

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o ultimo fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta. Nem precisou abrir, o moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida. (COLASANTI, 2015, p. 1).

A partir do momento que o marido descobre que o tear é mágico, ele a submete a trabalhos exaustivos de muitas criações. Para o marido, a única utilidade que a mulher tinha era de servir e satisfazer seus caprichos. A moça sente vontade e saudade de ficar sozinha porque ele era extremamente exigente e cansativo então ela destece a figura dele e este se desfaz,

Em muitos dos contos da autora, a mulher é descrita com o poder de fazer e desfazer seu destino. Esse fazer e desfazer, ou ainda tecer e destecer destinos, é o tema de “A moça tecelã”, inserido na coletânea de contos intitulada Doze reais (sic) e a moça no labirinto do vento. Essa tecelã, com a ajuda de seu tear, traça todo seu universo natural, inclusive seu destino, mas, vendo-se sufocada pelo ambicioso e materialista marido que foi “tecido”, chega a desfazer todos os bens materiais que traçara, inclusive o próprio marido (GEBRA, 2010, p. 1).

Percebe-se que história rompe o elo da questão patriarcal, com a necessidade da presença e de domínio do homem, ele “exibiu”, “ordenou” e ao fim da narrativa, a moça cessa as vontades do marido e encontra em si mesma a força para ir de encontro a submissão (GOTLIB, 1985),

Suas personagens femininas são apresentadas em uma nova perspectiva, suas historicidades tradicionais dão lugar a essas mulheres que buscam serem valorizadas como seres humanos, as mulheres de suas obras tem o desejo, o poder; e isso é mostrado fortemente pela autora. São mulheres que sonham com seus ideais, com a felicidade e, por isso, não ficam a espera de um príncipe encantado, agora elas decidem sua vidas (RHODEN, 2012, p. 3).

A moça é sozinha desde o início, ela se mantém, faz seu alimento, na solidão quando ela procura uma pessoa e ela constrói, depois muda de ideia e continua só, emancipada, não precisa de nada e não depende de ninguém para ser feliz,

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo [...] Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte. (COLASANTI, 2015, p. 2 - 3).

Sobre o enredo vale ressaltar a importância do conflito, pois sem ele a narrativa perde a essência, apresentando apenas uma linearidade anêmica, ou seja, um texto sem movimento, sem reviravoltas, podendo se tornar cansativo e enfadonho, mas sim dinâmico como a vida e os conflitos cotidianos que regem o ser humano, um traço que promove no leitor um reflexo, como uma imagem que é constituída dos sentimentos humanos como amor, solidão, revolta, persistência, mas é composta de elementos maravilhosos para que o receptor da história compreenda-a por metáforas e analogias (GOTLIB, 1985).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Katiane Iglesias Rocha. *Tecendo o mundo em palavras: uma analogia à composição literária*. [2013]. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/reel/article/viewFile/5353/3968>>. Acesso em: 28 nov. 2015

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 12 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2009.

CAVALCANTI, Maria Imaculada. *Uma leitura da simbologia no conto "A primeira só" de Marina Colasanti*. [2011]. Disponível em: < http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_144.pdf>. Acesso: 28 nov. 2015.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria - Análise - Didática*. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. [2015]. Disponível em: <<http://cocminas.com.br/arquivos/file/A%20MoCa%20TeceLA%20pdf.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

COLASANTI, Marina. *Longe como o meu querer*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

FAUSTINO, Fernanda. *Marina Colasanti explica por que os contos de fadas marcam gerações*. [2015]. Disponível em: < <http://www.globaleditora.com.br/noticias/o-mundo-magico-dos-contos-de-fadas/>>. Acesso em: 07 dez. 2015.

GEBRA, Fernando de Moraes. *A imagem feminina no conto "A moça tecelã" de Marina Colasanti*. [2010]. Disponível em: <<file:///C:/Users/PrisCila/Downloads/9-31-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

MARINA MANDA LEMBRANÇAS. *Biografia*. Disponível em: <<http://obra.marinacolasanti.com/search/label/Livros?max-results=12>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

As personagens da autora são transgressoras, por enfrentarem os desafios da vida e estarem sempre em busca da felicidade. Não aceitando aquilo que é imposto a elas, cortam os laços masculinos que a aprisionam. Colasanti tem contribuído muito com essa nova representação da mulher através de sua literatura, resgatando sempre o papel da mesma na sociedade, buscando provar que mulher não é diferente do homem, que temos os mesmos objetivos e buscamos os mesmos espaços (RHODEN, 2012, p. 4).

A realidade está ali, por entre as linhas que constituem a narrativa, mas que se expõem no texto como um todo, este retrato do real sempre existiu na literatura, mas em "A moça tecelã" tomou outra forma, uma nova roupagem, uma vez que ela mescla fantasia e realidade (GOTLIB, 1985). O termo "realidade" presente na narrativa, genericamente o vocábulo designa toda tendência estética central "no real", entendido como a soma dos objetos e seres que compõem o mundo concreto (MASSAUD, 2000),

Marina Colasanti dá ênfase em suas narrativas ao papel exercido pela mulher; contudo não é aquela mulher que estamos acostumados a ver; sempre com um lindo final feliz, ela nos retrata o oposto das mulheres submissas, que aceitavam tudo o que era imposto pelo marido, mostra-nos as mulheres lutadoras, que prezam por sua vida e liberdade, fazem suas próprias escolhas (RHODEN, 2012, p. 3).

Compreende-se que "A moça tecelã" de Colasanti é uma figura que está presente nas mulheres do século XXI que bebem da essência de liberdade das mulheres da história, tanto no sentido de idealizar e querer ver realizado um sonho, quanto no sentido de lutar por ele. O conto retrata a figura da mulher que não se acomoda, mas que batalha e assume uma autonomia, questionando inclusive qualquer autoridade que a oprima.

5. CONCLUSÃO

"A moça tecelã" é conto, curto, objetivo, no entanto, constituído de elementos intensos tanto para se refletir acerca da fantasia quanto da realidade, permite dizer que é um conto com marcações literárias de tempo, mas que se encaixa perfeitamente nos tempos da história e que possuem discussões atuais acerca da figura da mulher fazendo uso de caracteres como o imaginário, a falta de marcação de tempo ou de espaço pautados na realidade e a riqueza de figuras analógicas que permitem a leitura e a interpretação de leitores de diversas idades (FAUSTINO, 2015).

Diante da infelicidade que o seu marido representava, a tecelã se arrepende e com uma força que vem do íntimo joga a lançadeira ao contrário e desfaz os bens materiais que homem exigiu e ordenou, e com ele, destece a infelicidade e a submissão, então ressurgem o dia claro, a casa e o jardim, feitos com as linhas que costumava tecê-los, mas agora eram linhas em tons de felicidade, desejo e harmonia (RHODEN, 2012).

Colasanti consegue, com ares de artista plástica, trabalhar a leveza e a sutileza de assuntos que compõem o ser humano, como os sentimentos e a persistência na vida, no caso de "A moça tecelã", a mulher que habita na mulher da história, na figura da mulher heroína de si mesma, dona de suas próprias vontades e tecelã do seu próprio destino que mesmo no século XXI com concessões de voto, de estudo e de emprego ainda sofre com os fantasmas patriarcais do passado, no entanto, como a tecelã, ganha forças a cada dia para desfazer tecido triste e sombrio do passado e do presente e com linhas claras e libertadoras tecer o seu futuro.

MARINA MANDA LEMBRANÇAS. Obras. Disponível em: <<http://obra.marinacolasanti.com/search/label/Livros?max-results=12>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

MOISÉS, Massaud. O conto. In: MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa I*. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 21 - 101

MOISÉS, Massaud. *Análise de texto em prosa*. In: MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 84 - 116.

RICHE, Rosa Maria. *Literatura infantil-juvenil contemporânea: texto/ contexto - caminhos/ descaminhos*. [1999]. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10711/10216>>. Acesso em: 04 dez. 2015.

RHODEN, Dayana da Silva. "A moça tecelã" de Marina Colasanti. [2012]. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/537/352>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. [1992]. Disponível em: <https://www.academia.edu/4176799/Tzvetan_Todorov_Introducao_a_literatura_Fantastica>. Acesso em: 12 dez. 2015.